

TIO SAM ★ ★ ★

E A GUERRA RELAMPAGO

Tradução do espanhol, de um artigo de **FREDERICO SONDERN JR.**, especialmente para "A DEFESA NACIONAL",

Pelo Cap. **TACITO DE FREITAS**

Há dias atrás tive ocasião de viajar em um tank, que, dando terríveis sacudidelas como um navio acossado por grandes ondas, e precipitando-se com a força descomunal de um monstro de metal através sangas e fossos terríveis, vencendo os mais variados acidentes do terreno, cortava árvores de 15 centímetros de diâmetro, como se fosse uma serra gigantesca. Ainda sinto arrepios, quando me lembro dos duros golpes que recebi naquele galopar infernal. Todos os homens da equipagem da gigantesca máquina, levavam os seus capacetes protetores e pobre de mim se não levasse o meu, também! Grandes e grossos pedaços de borracha colocados por cima dos lugares destinados ao motorista e ao rádio-telegrafista, impediam que êstes fraturassem o crâneo, quando, em algumas das violentas sacudidelas do rápido e bamboleante engenho, davam com as cabeças no teto. O motorista-condutor espiava o caminho a seguir através uma pequena seteira. O comandante do engenho de aço, que viajava instalado na torre, tinha de indicar ao condutor, com os pés, a direção e a velocidade que devia imprimir ao veículo; pois resultava impossível fazer-se ouvir em meio àquele estrondo ensurdecedor. O tank pertencia à 1.^a Divisão Blindada do Forte Knox, uma das duas de sua classe que formam o núcleo do novo exército norte-americano. Está muito difundida a opinião errônea sob

todos os pontos de vista — de que o exército americano carece de equipamento moderno. Os caminhões que, disfarçados de tanks, foram utilizados pela Guarda Nacional em suas últimas manobras, contribuíram em larga escala para propagar êsse conceito temerário. Acontece que foram reservados os tanks e o equipamento moderno para instruir as unidades blindadas do Exército regular, quanto ao emprêgo desses novos engenhos de guerra.

Um grupo de oficiais estudiosos e previdentes, lutando tenazmente contra a indiferença de uns e a aberta oposição de outros, tem vindo montando peça a peça, em lenta e silenciosa tarefa, a máquina militar moderníssima, que nossa defesa reclama. Hoje, funciona já êsse esplendido mecanismo bélico e adestra-se em seu manêjo a homens que haverão de utilizá-lo efetivamente.

Na época em que fui correspondente em Berlim, tive ocasião de presenciar às manobras em que se exercitaram as tropas escolhidas, que haviam de formar a vanguarda da ofensiva alemã. No ano de 1922, quando era proibido aos alemães, pelo Tratado de Versailles, o emprêgo dos tanks, cobriram êles com enormes pedaços de papelão a estrutura dos caminhões-simulando assim a imagem dos tanks — e exercitaram-se na guerra mecanizada com duzentos daqueles monstros simulados. Não aguardaram, pois, os impacientes alemães, ter o equipamento verdadeiro: — puzeram-se a trabalhar arduamente com um de imitação.

Em Forte Knox, aqui nos Estados Unidos, tenho observado, cheio de complacência e orgulho, que os nossos homens trabalham com o mesmo afan, mas com maior proveito ainda. Das seis da manhã às cinco da tarde, exercitam-se ininterruptamente as legiões de artilheiros, condutores, serventes de metralhadoras, infantes e mecânicos. Nas manobras noturnas, centenas de veículos correm desabaladamente pelos campos próximos, em cargas fantásticas e estrondosas. Os oficiais estudam, sem trégua nem repouso, os aspectos teóricos e práticos desta nova ciência militar. . Isso, e não outra coisa, é o que exige o General de Divisão Adna R. Chaffee.

“O velho”, apelido que lhe dão, quando falam dêle seus subordinados, já completou os seus cinquenta e sete anos, porém, parece muito jovem. Vigoroso, ativo e infatigável, tem a energia de dois generais juntos. E’ homem de caráter jovial e critica jocosamente a disciplina teatral dos desfiles aparatosos ao som do bombo e dos pratos das bandas de música. Todavia, apesar do seu risonho bom humor, apenas dá uma ordem e já estão os seus subordinados cumprindo-a com rigorosa exatidão e presteza. Não passará muito bem aquele que tenha a infelicidade, por moleza ou falta de cumprimento de deveres, de despertar sua cólera ou aborrecimento.

O general Chafee exige de cada chefe de unidade que saiba fazer tudo aquilo que os próprios subordinados devem fazer... e que o faça melhor do que êles; quer se trate de conduzir um tank, disparar uma metralhadora ou voar montado em uma motocicleta, por caminhos infernais.

— Aqui se precisa de mais fibra, mais confiança em si próprio e mais capacidade de iniciativa — diz o dinâmico general — do que em todos os demais setores do Exército.

Dêsse modo, dia após dia, as fôrças que tem debaixo do seu comando desenvolvem tarefas táticas em todos os tipos de terreno concebíveis, com um realismo tal, que qualquer um de nós se julgaria em uma guerra verdadeira, não fossem os cartuchos de festim empregados nos diversos combates. E o general não tolera a menor negligência ou tibieza nestes exercícios guerreiros. Os infantes arrastam-se em busca de lugares protegidos, levando consigo arbustos e quasi bosques inteiros! Os ordenanças se arrojam ao solo em demanda da segurança, sem que se lhes importe a fratura de uma perna!

Chafee, que havia assistido às aulas de West Point e que ganhou as estrelas do coronelato por méritos em campanha, voltou da guerra europeia com uma concepção novíssima da arte militar. Veiu convencido de que ganhariam as futuras guerras aqueles que lograssem aperfeiçoar o emprego das unidades mecanizadas. Nas sessões do Estado Maior General insistia êle, com sua peculiar obstinação, no assunto do “exército do futuro”. Sòmente um grupo de jovens chefes

militares tomou a sério suas idéias, que encontraram fortíssima oposição por parte dos graves e solenes generais forjados nos moldes tradicionais de uma indefectível concepção militar. Argumentou-se contra o pequeno grupo de teóricos modernos, que os tanks eram muito dispendiosos e pouco serviam aos fins determinados, que o transporte de soldados em caminhões resultava demasiado caro e que o projeto de fundir em uma só unidade as três armas clássicas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, era disparatado engodo daqueles sonhadores. Apesar disso, Chaffee obteve autorização para utilizar a Escola de Pessoal de Tanks do Forte Meade como campo de experiências para os engenhos de guerra mecanizada, mas o consumo de gasolina era enorme, o orçamento do Exército carecia de verba para sufragar aqueles gastos exorbitantes e imprevistos e, assim, acabou-se por suspender o ensaio começado.

No decorrer do ano de 1936, começaram-se a receber, procedentes de vários setores, alarmantes informações na Secretaria da Guerra. Nelas, davam-se notícias abundantes e precisas de como as divisões blindadas alemães haviam trabalhado e desenvolvido até o menor detalhe, a tática que Chaffee havia preconizado por tantos anos. A arma de artilharia havia desenhado e construído já, àquela época, alguns excelentes tipos de tanks e carros de descoberta. Mas, o papelório e as inevitáveis rivalidades entre os diversos serviços do Exército, haviam ainda uma vez frustrado os projetos de grande alcance do general Chaffee. Somente em Julho de 1940, diante a completa derrota dos franceses pelas "Panzer Divisionen" de Hitler, decidiu-se a Secretaria da Guerra a criar um Exército Mecanizado, elevando então Chaffee ao grau de general de divisão e dando-lhe o comando do primeiro corpo desta nova arma. O Estado Maior e as unidades da Primeira Divisão estão destacados em Forte Knox. A Segunda Divisão, que recebe atualmente igual adestramento, está em Forte Benning, no Estado da Georgia.

De tal modo, projeta-se um exército de extraordinária mobilidade, que possa atacar de modo rápido e efetivo a

qualquer invasor, quer na América do Norte, quer na do Sul. Um Exército não poderia trasladar-se dos Estados Unidos com a rapidez necessária para impedir um desembarque de surpresa, de tropas alemãs, digamos, por exemplo, no Brasil; todavia, deve estar organizado de tal modo que possa apresentar-se no lugar da invasão e aniquilar os contingentes da vanguarda alemã, antes que recebam reforços provenientes da outra banda do Atlântico. Aos autores da guerra fulminante, é mistér combatê-los, também, com fulminante rapidez e impetuosidade.

O novo exército mecanizado norte-americano compôr-se-á de sete divisões, cada uma das quais estará integrada por 10.000 homens, entre oficiais graduados e soldados, 287 tanks ligeiros, 120 tanks médios e mais 1.328 veículos de diversas categorias, contando-se neste número os caminhões e as motocicletas. Infantes e engenheiros serão transportados em caminhões; as patrulhas de exploração em carros de descoberta e em motocicletas; as peças de artilharia em veículos de uma grande mobilidade; sôbre a coluna voarão as esquadrihas de reconhecimento, e todo êsse conjunto deslocar-se-á coordenadamente como uma única entidade bélica de extraordinária rapidez e incalculável poder ofensivo, que poderá avançar até duzentos e quarenta quilômetros em uma única noite e desfechar seus ataques antes das primeiras luzes da alvorada !

Centenas de oficiais têm de aprender novamente os rudimentos de sua carreira. Tendo em vista que uma dessas divisões deve consumir cêrca de 114.000 galões de gasolina em uma jornada de 240 quilômetros, resulta, por exemplo, que os oficiais de intendência têm de saber situar a essência nos lugares precisos em que se vai necessitar e que tais lugares estejam a coberto dos bombardeios da aviação inimiga. O transporte de víveres e o funcionamento das cozinhas rodantes para 10.000 homens, que avançam à razão de 30 a 50 quilômetros por hora, pressupõe itinerários meticulosamente estudados e calculados.

A precisão e coordenação dos comandos para uma tal entidade bélica, ultrapassam todo o conhecimento até agora vulgarizado, em material de exatidão militar. Cada divisão mecanizada possui cerca de quinhentas estações de rádio, entre as quais se contam muitas mixtas, de recepção e transmissão, a maioria tão portátil, que as podem conduzir, facilmente, quaisquer soldados das patrulhas de vanguarda. Através esta rede compacta de rádio e rádio-telefones, circula continuamente um caudal de ordens, partes, informações, etc., enquanto a divisão, empenhada no combate, progride a uma velocidade que oscila entre 16 e 40 quilômetros por hora.

Para cada oficial da ativa, existem em Forte Knox e em Forte Benning, quatro oficiais da reserva, empenhados na tarefa de aprender a imponderável quantidade de cousas que deve conhecer um oficial do exército mecanizado. Mencionarei algumas delas, que não me aventurarei a taxar das mais difíceis: — ocultar cuidadosamente os tanks e os caminhões, até que se dê a ordem de avançar e, uma vez começada a marcha, fazê-los progredir o mais rapidamente possível, pois quando não estão em movimento, os tanks e carros oferecem, em campo aberto, alvo muito fácil para os aeroplanos; reter na memória, como em uma mapa muito claro e preciso, tôdas as peculiaridades topográficas do vasto terreno em que devem operar as tropas com uma celeridade extraordinária.

Apesar de ser tão árdua e laboriosa a aprendizagem, os oficiais e soldados a ela se entregam com visível entusiasmo. Nos quartos de moradia dos oficiais e nos salões de rancho da tropa, outro não é o tema das conversas. E como acrescimento, verificou-se o milagre de estarem sepultadas para sempre, no meio dessa gente, as antigas rivalidades entre as Armas distintas.

O núcleo do exército motorizado é o tank. O volume total de fogo desses engenhos blindados de uma divisão é enorme. As máquinas ligeiras (que pesam de 8 a 15 toneladas) levam montados tres canhões de 30 milímetros e um de 37; ao passo que os gigantes de 23 toneladas podem despejar um

fogo terrível com o seu canhão de 37 milímetros e as suas seis metralhadoras de calibre 30. Protegida por placas de aço reforçado na frente a dotação de armamento dos tanks está a coberto das balas de fuzis e de metralhadoras; mas um disparo certo de um canhão anti-tank significa a morte em uma fogueira para os tripulantes do tank inteiro e a grana de uma peça de 75 representa igual catástrofe para os dos tanks médio e pesado.

Um condutor-motorista perito pode fazer girar o seu tank em um espaço de terreno inverosimilmente pequeno bem como obrigá-lo a praticar cabriolas inconcebíveis, quando se trate de esquivar o engenho aos tiros de um canhão de campanha — o inimigo encarniado do tank. Em semelhante situação o tank deve precipitar-se sobre os serventes da peça inimiga, com uma velocidade tal ou descrevendo um percurso tão sinuoso, que não lhes dê tempo de apontar com eficiência e disparar o canhão. Serão muito poucos os artilheiros, que permanecerão ao pé dos seus canhões, quando virem endireitar-se para cima deles aquela estrondosa avalanche de aço!

Demora-se pelo menos um ano para fazer-se um bom condutor de tank, apesar de que todos os aprendizes são homens escolhidos, que passaram por uma série de provas e exames tão severos quanto os exigidos para os aviadores. Vai uma distância muito grande em saber conduzir um tank, simplesmente como automóvel — a possuir a habilidade de fazê-lo correr como um meteóro por cima de fossos e arvores, sem reduzir a um conjunto de ossos sanguinolentos e carnes maceradas a todos os seus ocupantes. Tal habilidade adquire-se somente, depois de um grande e duro exercitamento.

De outro lado, apontar e disparar uma metralhadora ou um canhão, do interior de um tank em movimento, é cousa que também requer muito tempo de treinamento. Ao operador de rádio exige-se-lhe que saiba também manejar uma metralhadora e conduzir o tank em uma situação de emergência. Por fim, todos os tripulantes devem saber re-

parar urgentemente qualquer acidente mecânico, que se origine durante a ação.

As divisões mecanizadas norte americanas só contam, até o momento presente, com menos de metade dos tanks que devem possuir. As fábricas os produzirão numa escala de quinhentos por mês, para o próximo verão. Podemos acrescentar que, de outro lado, são melhores do que os melhores da Europa.

A vida quotidiana dos outros soldados dos Fortes Knox e Forte Benning não é, também fácil e regalada. Os do corpo de Engenharia montam e desmontam pontes, constróem armadilhas das mais engenhosas e variadas formas para com elas imobilizar os carros blindados, traçam estradas, colocam minas. Tanto repetem essas operações da arte militar que poderão fazê-las com igual perícia, até mesmo dormindo. E como ao "Pioniere" alemão, aos soldados do corpo de engenheiros se lhes ensina também a ser combatentes não só de pá e picareta, mas também de cartuchos de T. N. T.

Os artilheiros do Corpo Mecanizado, com suas peças de 75 milímetros arrastadas por caminhões, seus morteiros de 81 milímetros e seus obuses de 105, aprendem a desembarcar o material, montar a peça, dispará-la, tornar a embarcá-la no caminhão e desaparecer com uma presteza incrível em uma Arma a que parecia necessária a lentidão de movimentos. As forças de reconhecimento, montadas em velozes carros blindados ou em motocicletas, já têm "ôlho de lince" para descobrir as armadilhas para os tanks, minas e emboscadas, que um inimigo hipotético coloca em seu caminho. E têm de fiar muito fino e enxergar com olhos de águia, porque o "Velho" gosta de disseminar no terreno, com mão hábil e pródiga, essa espécie de ciladas táticas quasi invisíveis, para que não pareça a ninguem" que a Blitzkrieg é somente cosinhar e cantar".

O Exército Alemão empregou seis anos em aperfeiçoar as suas "Panzer Divisionen". O dos Estados Unidos necessitará de menos tempo para isso. Em Junho de 1942, as fôr-

cas mecanizadas terão sete divisões — o mesmo número que hoje tem a Alemanha — com seus efetivos completos e perfeitamente equipados e adestrados. Teremos, pois, um total de 70.000 homens, perto de 3.000 tanks, 4.000 carros blindados e caminhões de transporte e 9.000 veículos mais, prontos para entrar em ação imediata. Antes de tres ou quatro anos, o Exército dos Estados Unidos disporá de maior potência ofensiva do que qualquer outra fôrça militar do mundo.

Companhia Fornecedora de Materiais

Ladrilhos - Azulejos Louças Sanitarias e Materiais para Construções

TEL. 22-7740 Rede particular - Telegramas "ARTHEDO"

Rua Frei Caneca, 35-39

RIO DE JANEIRO

BRASIL

SEGUREM SEUS PREDIOS, MOVEIS E NEGOCIOS NA

Companhia Alliança da Bahia

A maior Companhia de Seguros da America do Sul, contra fogo e riscos de mar

EM CAPITAL . . . 9.000.000\$000 EM RESERVAS . . . 52.108.045\$375

CIFRAS DO BALANÇO DE 1939:

Responsabilidades 3.321.457:297\$287 - Receita 24.268.894\$030 - Activo em 31 de Dezembro 73.125.470\$999

Directores :

Dr. Pamphilo d'Utra Freire de Carvalho

Epiphanio José de Souza

Dr. Francisco de Sá

Agencia Geral

Rua do Ouvidor, 66-(Edificio Proprio)

Telefones: 23 { 2974
6164
3345

Gerente: ARNALDO GROSS